# *Jacobina: uma aproximação biográfica além do mito*

Haike Roselane Kleber da Silva[1]

**DOI: 10.4025/rbhranpuh.v9i26.32254**

**Resumo**: O presente trabalho propõe uma análise biográfica de Jacobina Maurer, conhecida como a principal liderança do movimento Mucker. Parte-se da ideia de que esta posição de liderança é resultado de um processo, no qual influíram tanto as condições dadas pelo contexto quanto as escolhas da personagem na construção de sua trajetória. A posição de liderança de Jacobina é vista aqui também como resultado da produção discursiva. Os discursos produzidos no decorrer do tempo sobre Jacobina Maurer contribuíram para a transformação da personagem na memória produzida sobre ela em um mito.
**Palavras-chave:** Jacobina Maurer – Mucker – biografia

## Jacobina: a biographical approach beyond the myth

**Abstract:** This article proposes a biographical analysis of Jacobina Maurer, known as the main leadership of the Mucker movement. It starts with the idea that this leadership is a result of a process in which both the conditions given by the context and the character´s choices have influenced her trajectory. Jacobina´s leadership is also seen here as a result of the discursive production. The discourses produced along the time about Jacobina Maurer have contributed to the transformation of the character in the memory produced about her into a myth.
**Key-words:** Jacobina Maurer – Mucker – biography

## Jacobina: una aproximación biográfica más allá del mito

**Resumen:** Este artículo propone un análisis biográfico de Jacobina Maurer, conocida como la dirección principal del movimiento Mucker. Se inicia con la idea de que esta posición de liderazgo es el resultado de un proceso, que influyó tanto en las condiciones dadas por el contexto y las opciones de carácter en la construcción de su carrera. La posición de liderazgo Jacobina aquí se ve también como resultado de la producción discursiva. Los discursos pronunciados durante el tiempo

[1] Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1991), mestrado em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005). Foi bolsista pós-doutorado júnior da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2006/2 a 2007/1).rabalha no Arquivo Público do Estado de São Paulo desde 2007, onde dirigiu, durante 6 anos, as atividades e a equipe de difusão do acervo. Atualmente, trabalha em atividades de auxílio e orientação dos pesquisadores que frequentam a instituição. Tem experiência em coordenação de equipes. Email: haikesilva@gmail.com

de Jacobina Maurer contribuyeron a la transformación del carácter en la memoria producido en él en un mito.
**Palavras clave:** Jacobina Maurer – Mucker – biografia.

*Recebido em 12/06/2016 - Aprovado em 29/08/2016*

**Introdução**

Consagrada pelo cinema e pela literatura recente, a personagem de Jacobina Maurer é hoje bastante conhecida ou popular. Seu nome é facilmente identificado com o movimento Mucker ou é a primeira identificação quando se fala em "mucker". Jacobina é então o símbolo deste episódio da história do Brasil, ocorrido entre 1868 e 1874 - sobretudo nos dois últimos anos deste período - na região de Sapiranga/RS. A historiografia, desde a mais superficial ou anedótica até as análises mais aprofundadas e sérias sobre o tema, tem se referido a esta personagem como a líder do movimento sócio-religioso ali ocorrido; portanto, o personagem principal. Contudo, como protagonista, Jacobina merece ainda uma análise biográfica de sua participação na história.

Os diferentes discursos a respeito dos fatos que ocorreram ao pé do morro Ferrabrás produziram, desde 1873, uma quantidade considerável de explicações, além de imagens dos indivíduos envolvidos. Neste sentido, é recorrente a menção aos líderes do grupo – João Jorge Maurer, João Jorge Klein e principalmente Jacobina, esta última o pivô central de toda a contenda, a maior liderança, a personagem sobre a qual mais se escreveu e mais controvérsias foram geradas. Por sua importância central no movimento, Jacobina é citada, comentada ou analisada em todos os textos que tratam do episódio Mucker, o que reforça a importância de sua atuação individual, bem como a pertinência de um estudo das representações construídas a seu respeito.

Jacobina Maurer acabou conhecida como a liderança principal do movimento Mucker. Entendo esta posição como resultado de um processo, no qual influíram tanto as condições dadas pelo contexto, quanto as escolhas da personagem na construção de sua trajetória. É colocada aí uma das questões mais prementes do trabalho biográfico nos dias de hoje: a relação entre o individual e o social, entre o indivíduo e as normas, entre o indivíduo e o contexto. A biografia tende, pois, a enfatizar a vontade individual, mas não deve desconsiderar a força das normas sociais e as amarras que ligam o indivíduo ao conjunto da sociedade. O contexto é o espaço onde se formam os sistemas normativos e onde a liberdade individual que os confronta se manifesta.[2] É aí que se situam as duas principais questões levantadas neste trabalho a respeito da trajetória de Jacobina, quais sejam, qual o peso do contexto social nos rumos de sua vida e, por outro lado, quais foram suas escolhas, seus desvios de rota, sua liberdade em definir seu caminho.

[2] O contexto, então, é aqui entendido como um "campo de possibilidades historicamente eterminadas" (GINZBURG, 1989, p.27), na medida em que se constitui como território de ação dos indivíduos historicamente determinado", o que quer dizer, com certos constrangimentos, restrições, limites à liberdade individual.

A posição de liderança de Jacobina é vista aqui também como resultado da produção discursiva. Não só uma real atuação e posicionamento como líder, mas também uma reprodução de falas e textos construíram esta personagem e seu mito. Os discursos produzidos no decorrer do tempo sobre Jacobina Maurer contribuíram para a constituição de uma memória em que a personagem aparece como um mito, na medida em que, na batalha da memória, certas características e também ações de Jacobina foram amplificadas e outras silenciadas.[3] Ao afirmar que a pessoa de Jacobina Maurer acabou constituindo-se num mito, assumo que a personagem em foco foi — e continua sendo — objeto de releituras (leituras novas e reedições de velhas leituras), que cristalizam estereótipos, amplificam alguns aspectos da vida de Jacobina, omitem ou desconsideram outros. No caso em estudo, as representações produzidas sobre Jacobina definem a personagem, definem o conhecimento que se tem dela, a caracterizam e constituem sua identidade. Elas são, em grande parte, responsáveis pela construção da memória, sobretudo quando se prestam ao seu enquadramento, visando a justificação da ordem social[4]. Procuro, portanto, a trajetória de Jacobina, sua constituição como personagem histórico, mas também a trajetória de seu mito, os rumos tomados pelas leituras e interpretações de sua vida. Busco, assim, uma Jacobina que se constitui como mito, mas também outras faces de sua trajetória que a produção do mito não privilegiou.

Dizendo isso, proponho-me problematizar o que se produziu sobre Jacobina, o que se disse e se escreveu, construindo uma síntese crítica dos discursos ao mesmo tempo em que uma história mais plural da personagem em foco.

**As faces de jacobina**

Fenômeno analisado no conjunto dos movimentos messiânicos no Brasil, o movimento Mucker caracterizou-se por uma reunião de famílias ao redor de um curandeiro e das pregações bíblicas de sua mulher. João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer foram os protagonistas principais desta história ocorrida aos pés do morro Ferrabraz, no atual município de Sapiranga, Rio Grande do Sul. Esta região era ocupada por uma série de famílias de origem imigrante, grande parte pertencente à segunda geração de alemães imigrados. Carentes de tratamento médico qualificado, muitos procuravam nas pomadas e ungüentos preparados por João Jorge a cura para seus males do físico. No decorrer dos anos, aliou-se a esta demanda a busca por consolo religioso, então encontrado nas pregações bíblicas de Jacobina e na crença de que esta representava

[3] Segundo Portelli (1996, p.121), "um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada; é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não), transformando-o na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura".

[4] Aproprio-me do termo usado por Pollak (1989), a memória é enquadrada, uma certa interpretação do passado é salvaguardada com objetivo de justificar uma sociedade, de manter a coesão social, de definir lugares e oposições. Este trabalho de enquadramento exige um esforço de convencimento caracterizado pela disputa de representações – o que Pollak chama de batalhas de memória (1989, p.4).

o espírito divino quando entrava em estado psíquico alterado (AMADO, 2002, p.144). Como movimento messiânico, produziu-se uma expectativa coletiva da proximidade do fim do mundo e da redenção dos fracos e oprimidos, grupo eleito do qual faziam parte. Na medida em que se constituíam como grupo fechado, angariavam adeptos, produziam auto-suficiência, contestavam a ordem social e colidiam com as instituições estabelecidas, o que levou ao confronto direto e armado.

As causas para o surgimento deste movimento foram bastante levantadas e discutidas pela historiografia, sem, no entanto, concretizar-se um veredicto. A conjugação de fatores de ordem social e religiosa parecem compor juntos os agentes da crise que levou à constituição do grupo Mucker. A falta de atendimento médico, a falta de recursos educacionais, a falta de perspectivas econômicas para esta geração de descendentes de imigrantes pode ter gerado insatisfação e busca de soluções próprias para os problemas que enfrentavam. Contradições entre práticas e crenças religiosas disseminadas entre os colonos e as mesmas apresentadas e regularizadas por padres e pastores de tradição acadêmica recém-imigrados também criaram condições para o desconforto dos colonos nas Igrejas institucionalizadas e a busca pelo culto doméstico. Estas pessoas que buscavam soluções alternativas encontraram em João Jorge e Jacobina uma saída. Acreditaram nas profecias de fim do mundo e redenção dos escolhidos, acreditaram nos poderes curativos de João Jorge e na capacidade de Jacobina de intermediação entre eles e Deus.

O resultado desta conjugação de condições, somado às ações empreendidas pelos personagens centrais deste episódio, permitiu a constituição de uma comunidade diferenciada que levou seus atos às últimas conseqüências.

Formado a partir de 1868, o grupo Mucker chamou a atenção das autoridades em 1873. Foi proibido de se reunir. Começou a ser rechaçado por opositores — polícia, clero, população das colônias e das cidades. Preparou resistência e revanche aos insultos que recebiam, resultando enfim numa revolta que matou seus líderes e muitos adeptos, levou outros tantos à cadeia e marcou profundamente a memória dos habitantes da região do conflito. O Ferrabraz passa a ser sinônimo de Mucker; os sobreviventes do grupo representavam a sobrevivência do fanatismo religioso; os nomes dos líderes, sobretudo o de Jacobina, ficaram marcados e condenados.

* * *

Da infância de Jacobina pouco se sabe. Nasceu em junho de 1842, na Capela da Piedade, distrito de Hamburgo Velho, município de São Leopoldo. Era filha de imigrantes vindos no início da colonização. O pai, André Mentz, veio da Alemanha em 1824, nas primeiras levas de imigrantes; a mãe, Elizabeth Müller, chegou em 1825.

Jacobina era a sexta criança nascida na família Mentz. Seu nome — no original alemão Jacobine — era recorrente entre famílias de imigrantes, assim como os adotados pelos irmãos. Confirmou os votos do batismo em abril de 1854, também na comunidade evangélica de Hamburgo Velho (DOMINGUES, 1977, p.35).

Aos 9 anos de idade, Jacobina perdeu seu pai e passou a viver sob a autoridade e cuidados unicamente da mãe. Viu-se esta sozinha para criar seus 8 filhos: Francisco, Pedro, Catarina, Henrique, Jacó, Maria Elizabeth, Jacobina e Carolina. Viviam nas terras adquiridas pelo pai em 1847, onde, seguindo a tradição da agricultura famíliar de subsistência, todos os membros da família participavam do trabalho na roça ou ocupavam-se das lides domésticas.

É bastante recorrente nas narrativas construídas sobre Jacobina a referência às dificuldades da família durante o período da Revolução Farroupilha (ARNO PHILIPP in PETRY, 1966, p.161). No entanto, não foi numa situação ruim que o pai deixou a família ao morrer. Domingues (1977, p. 34) encontra terras e animais de valor no inventário dos bens deixados por André Mentz.

Segundo Amado (2002, p.143), Jacobina freqüentou um ou dois anos de aulas particulares, aprendendo a ler razoavelmente em alemão. A autora comenta que alguns que se dedicaram ao tema costumam apresentar Jacobina como analfabeta. Examinando todas as fontes acessíveis, no entanto, Amado conclui que Jacobina sabia ler com dificuldade letra de imprensa, o que lhe possibilitou a leitura de passagens da Bíblia e de cânticos religiosos de hinários luteranos. No entanto, não sabia escrever — ou ao menos escrever corretamente. Pedia, sempre que necessário, para que o fizessem por ela.

A religião estava presente na casa de Jacobina desde sua mais tenra infância. Batizada luterana na comunidade de Hamburgo Velho, a menina seguia a tradição familiar. As práticas religiosas da família serviram, em alguns casos, de explicação para as manifestações psíquicas demonstradas por Jacobina já na adolescência. Os primeiros discursos a este respeito já diziam que o fato de ela permanecer concentrada por muito tempo em oração estimulava um estado de transe, no qual ela perdia seus sentidos permanecendo imóvel. Esta foi apenas uma das tantas explicações que os diversos autores e interessados pelo tema deram ao comportamento doentio de Jacobina.

João Jorge Klein, cunhado de Jacobina[5], remete parte da explicação para o comportamento da cunhada a sua "conformação craniana", que "denotava, desde a mais tenra infância, disposição para o cretinismo e idiotismo" (PETRY, 1966, p.122).

Amado (2002, p.143) compila os diversos diagnósticos proferidos para a saúde de Jacobina: "crises de melancolia, ausência, insônia e ataques de tipo epilético". No laudo médico do Dr. Hillebrand (que se encontra junto aos Autos do Inquérito Policial), foi diagnosticado que Jacobina sofria de "transtorno do sistema nervoso que se tem agravado pela leitura e má interpretação da Santa Escritura e de escritos misteriosos, até degenerar numa verdadeira mania religiosa e sonambulismo espontâneo" (DICKIE, 1996, p.64). Já Sanmartin, pesquisador presente no I Congresso de História e Geografia de São Leopoldo em 1947, afirmava que "Jacobina Mentz apresenta sintomas de uma enferma mórbida, onde o histerismo transformou numa esquisofrênia selvagem" (DICKIE, 1996, p.64). Sobre o estado de saúde de Jacobina, Amado conclui (a partir de farta documentação sobre o assunto) que:

5 Nas memórias de João Jorge Kleiin, publicadas no *Kalender für die Deutschen in Brasilien* em 1913, posteriormente traduzidas e re-editadas no livro de Petry (1966, p. 119-151)

> a) Jacobina teve alguma doença grave durante a adolescência, mas só começou a ter crises depois de casada, a partir dos 24 anos de idade; b) estas crises manifestaram-se primeiro de forma espaçada, depois mais freqüentemente; c) quando em crise, Jacobina apresentava boa cor e pulsação normal, ficava insensível à dor e a estímulos físicos, embora fosse capaz de raciocinar e, a partir de 1872, de avisar quando lhe ocorreriam novos ataques; e d) passada a crise, dizia não se lembrar de nada que lhe ocorrera. Estudiosos que analisaram a personalidade de Jacobina sob o ponto de vista médico chegaram a diversos diagnósticos: alguns afirmaram tratar-se de personalidade psicopática, com crises histeroepilépticas. Outros a classificaram como legítima histeria. (AMADO, 2002, p.144)

Levando em conta o período tratado, de surgimento da psiquiatria e desenvolvimento médico-científico, é compreensível que os diagnósticos fossem desencontrados, as explicações se diversificassem, e que o próprio cunhado — ex-pastor e professor de formação — se arriscasse a dar um diagnóstico a partir das leituras que fazia nos livros da época. A necessidade de dar alguma objetividade para as manifestações de Jacobina — tanto na infância quanto na idade adulta — fez surgir uma série de explicações, no sentido de conseguir desmistificar os fenômenos: queria se negar seu poder profético. Dickie (1996, p.64) lembra também que "a medicalização de fenômenos sociais era um padrão no século XIX, em especial na criminalística positivista, e fez parte do discurso produzido por diversos atores sociais sobre os Mucker". Na Santa Casa de Misericórdia, onde a personagem havia sido internada em 1873 para que fosse feito diagnóstico, não foi constatada nenhuma enfermidade.

Moacir Domingues (1977, p.42) trabalha na mesma linha de dar uma explicação racional aos ataques de Jacobina. Depois de estudar os diversos diagnósticos contidos na documentação com a qual trabalhou, conclui pelo gradativo autocontrole obtido por ela no decorrer do tempo; que o ingresso nesse estado era comandado por sua vontade: "por isso, anunciava, de antemão, o dia e a hora em que sobreviria outro 'ataque'" (DOMINGUES, 1977, p.44).

Assim, seguindo a lógica de Domingues, fosse qual fosse o problema físico ou psíquico da personagem, na vida adulta, ela desenvolveu o poder de dominar seu comportamento e o utilizou em proveito de seus objetivos. Além de dar racionalidade, Domingues confere a Jacobina a responsabilidade pelos seus atos.

Sant'Ana (2004, p.66) cita o psiquiatra Juan Kern que, ao estudar o comportamento de Jacobina e os diagnósticos da época, explica (em 1984) que sua moléstia era "o que chamamos de 'ausências' (indivíduos desligados)".

Num sentido inverso, há quem pretenda mistificar as manifestações psíquicas de Jacobina. É esta a linha de pensamento de Carlos Hunsche (1974), que sugere como

causas dos ataques sofridos por Jacobina sua percepção extra-sensorial, enquadrando esta explicação no campo da parapsicologia, visão com a qual parece concordar Sant'Ana.

Considero essa pluralidade de diagnósticos, em parte, efeito da necessidade de alguns estudiosos de dar objetividade às manifestações de Jacobina, e em parte pura especulação. Para este trabalho, não interessa estabelecer a real causa dos ataques de Jacobina, mas o uso que deles foi feito e a compreensão destes pelos adeptos. O estado de saúde de Jacobina importa aqui como elemento de construção de sua imagem e de sua liderança.

* * *

O estado doentio de Jacobina não obstou seu casamento, nem limitou sua maternidade. Em 26 de abril de 1866, casou-se com João Jorge Maurer, um homem de 26 anos (Jacobina tinha então 24), habitante das redondezas, de religião evangélica (luterana). Talvez a doença a tivesse enfraquecido ou impelido a permanecer afastada dos trabalhos domésticos. Não impediu, no entanto, que parisse uma prole de 6 filhos, todos sadios.[6] A própria maternidade pode ter servido de fator para as manifestações psíquicas.

O marido era lavrador como seus vizinhos, especializado, porém, no ofício da marcenaria. Logo após o casamento, foram morar com a mãe de Jacobina. Em 1867, João Jorge adquiriu o lote 16 da ala norte da Picada do Ferrabraz e lá foi viver com a mulher e a prole que começava a nascer.

De João Jorge, muito se falou. Amado (2002, p.140) diz que era considerado "bem apessoado", sem temperamento forte; que gostava de vestir-se com apuro quando freqüentava reuniões sociais; em 1868, começou a tratar de doentes; aprendeu os métodos de cura com o curandeiro Buchhorn; passou a ser conhecido como *Wunderdoktor* (doutor milagroso); fazia curas certo de que eram inspiradas por Deus.

Domingues faz uma leitura mais crítica do perfil de Maurer, como homem "ladino e insinuante e à procura de forma menos penosa de ganhar a vida" (1977, p.11), o que explicaria sua atitude de largar a vida na roça e a marcenaria para ocupar-se com a cura através das ervas, atividade menos penosa e mais rentável. Essa é uma análise bastante tradicional, confirmada por diversos autores anteriores a Domingues.

Num artigo publicado em julho de 1874, Koseritz refere-se à Maurer como o "curandeiro charlatão"[7] (DICKIE, p.319) e um "esperto oportunista" (DICKIE, p.325). Este juízo também aparece em alguns depoimentos do inquérito policial, sobretudo de opositores dos Mucker (DICKIE, p.62). Petry caracteriza Maurer como "insinuante e sabia cativar as pessoas com quem lidava" (1966, p.42), e que se utilizou desses seus dotes para angariar vantagens para si, ludibriando aos colonos ingênuos. Já Klein é mais

[6] Jacobina teve 6 filhos em 8 anos de matrimônio: Jacó (19/05/67), Henrique (12/08/68), Francisco Carlos (12/08/69), Matilde (25/12/70), Aurélia (09/04/72) e uma última filha, Leidhard, nascida possivelmente em maio de 1974 (Amado, 2002, nota da p. 151).

[7] A própria expressão "*Wunderdoktor*", vinda da boca de um liberal ou um racionalista, traduz-se mais por "curandeiro charlatão" do que por "doutor maravilhoso", uma vez que curas milagrosas, de um ponto de vista ilustrado, não eram aceitas mas vistas sim como charlatanismo.

enfático, mostrando como Maurer aproveitava-se do estado de saúde de sua esposa, insinuando ser Jacobina "uma sonâmbula que recebia inspirações de Deus sobre os remédios para certas doenças" (PETRY, p.123).

Curiosamente, a descrição feita por Schupp não ressalta as características psicológicas ou a índole de João Jorge Maurer. Nela o personagem é mirado com uma lente mais objetiva sobre suas características físicas e fama popular. Suponho que a descrição mais contida no que se refere aos adjetivos pejorativos tenha relação com o foco de atenção do padre jesuíta, que reservou toda sua mordacidade à personagem feminina: Jacobina.

Nas obras literárias ou fílmicas dos últimos tempos, João Jorge ocupa tanto espaço quanto o que Schupp lhe destina. Ou seja, sua influência no movimento Mucker, sua liderança e sua importância é completamente subsumida frente à importância e liderança de Jacobina. Na imprensa da época, no entanto, a referência a João Jorge era constante; ele era o "doutor milagroso" e também o profeta, o que apresenta dois sentidos para quem analisa esta menção: mostra que seu papel não era apenas o de misturar ervas e aplicar em ferimentos, mas que de sua boca também saíam enunciados que eram tomados como profecias; de outro lado, tanto profetas como milagreiros não eram bem quistos aos olhos dos jornalistas ilustrados, e o uso de ambos os termos representa crítica a quem fosse com eles denominado.

Mas Maurer é analisado, em geral, como o marido de Jacobina. Mesmo que tenha sido o iniciador do movimento, que tenha angariado fama e prestígio como curandeiro e profeta, acaba sendo esquecido para dar lugar — na história e sobretudo nas narrativas — à sua esposa Jacobina.

Seja como for, as atitudes de Maurer influenciaram sobremaneira a trajetória de Jacobina. Sua atividade de curandeiro e seu sucesso como *Wunderdoktor* permitiu a ela o acesso a um prestígio diferenciado naquela sociedade, mesmo que em posição lateral ao marido. Por outro lado, Maurer também abriu o flanco para que Jacobina se sobressaísse, no decorrer do tempo, cedendo a esta o prestígio ora alcançado por ele.

* * *

Pouco após o casamento e a mudança para a nova propriedade, João Jorge começa a lidar com plantas medicinais e preparar ungüentos para a cura dos mais diversos males. Esta atividade atrai um grande número de pessoas ao Ferrabraz e inicia a constituição de uma comunidade em sua volta. Jacobina o ajudava no preparo das poções e no cuidado dos doentes. Entende-se, então que, apesar de sua condição física fraca ou afeita a crises de ausência, Jacobina prestava auxílio ao marido em seus afazeres. Com o tempo, passa também a ocupar-se com a leitura de trechos da Bíblia aos enfermos dos quais cuidava. Segundo Amado (2002, p.188), entre 1868 e 1871, João Jorge e Jacobina atendiam a pessoas de dentro do círculo familiar, e mais tarde, a partir de 1871, também estranhos, católicos e protestantes. É a partir deste momento também que Jacobina passa a envolver-se mais com pregações e leituras da Bíblia.

Schupp (1993, p.99) destaca o afastamento de Jacobina de suas funções tradicionais de mulher na medida em que se envolvia com as pregações religiosas. O fato de encontrar-se quase que permanentemente grávida (6 filhos em 8 anos), além das manifestações de ausência que começavam a ser mais recorrentes, podem explicar seu afastamento das obrigações domésticas. No entanto, é certo que Jacobina deixava de cumprir com o que se esperava das mulheres naquela sociedade. Amado (2002, p.46) chama atenção para a posição relativamente importante da mulher dentro da família imigrante devido a sua contribuição econômica. Eram tarefas femininas, além dos serviços domésticos, a produção e criação dos filhos, também o auxílio nas atividades agrícolas e o cuidado dos animais. Ela era, portanto, um elemento importante para o progresso econômico da família. No caso de Jacobina, esta parece aos poucos se desligar deste papel na medida em que, frágil de saúde, precisava de empregados. Quanto à produção de filhos, aí sim seu exemplo entra na regra.

Para Petry (1966, p. 44-45), Jacobina não fugia à regra da atitude das mulheres dos colonos, companheiras, auxiliares nos mais diversos serviços: "Além de boa dona de casa, a mulher de João Jorge Maurer era muito devota". Já Domingues (1977, p.67) discorda e acredita que, "por temperamento e formação, ela não apreciava o esforço físico".

Entre as diversas acusações feitas a Jacobina, uma das mais recorrentes, era de mulher libertina e imoral. Ela era acusada de promover orgias noturnas — sobretudo nos textos de Koseritz e Schupp —, provocar desenlaces matrimoniais, ordenar a troca de casais e ser infiel a seu marido. Grande parte destas acusações partiu de suposições da oposição e tomaram uma dimensão de verdade a partir "do que se ouviu falar".

Segundo Amado (2002, p.46), na sociedade imigrante era reservada certa liberdade de escolha para as mulheres solteiras, decidindo elas mesmas sobre namorados e futuros maridos. Depois de casadas, as escolhas se reduziam, admitindo-se, no entanto, a separação entre casais, no caso dos de religião evangélica. Quanto à infidelidade conjugal, para esta não havia aceitação.

Por outro lado, a acusação de infidelidade ou promiscuidade sexual serviu com freqüência de munição em inúmeras situações em que uma mulher apresentava voz e atitude de liderança. Cohn lembra que, nos movimentos de dissidência religiosa na Europa, já desde antes da Idade Média, esta acusação era constante e caracterizava a índole pecaminosa dos grupos (DICKIE, p.421). No caso de Jacobina, não apenas é uma mulher que assume a liderança, mas é um padre seu maior opositor e difamador: opostos que produzem efeito de verdade. O fato de Jacobina ter preterido a companhia de seu marido na condução do movimento, dando lugar a Rodolfo Sehn foi interpretado por grande parte da população, sobretudo pelo clero e outros opositores como infidelidade conjugal, e Rodolfo Sehn passou para a história como o amante de Jacobina. Segundo Amado (2002, p.264), "não se conhece documentação que comprove definitivamente a veracidade ou falta de veracidade destas notícias". Nos depoimentos de Luppa e Scheffel ao inquérito policial, a substituição de Maurer por Rodolfo Sehn era de ordem espiritual e em nada lembram a libertinagem que os discursos acusatórios pretendiam imputar a Jacobina e seu grupo (DICKIE, 1996, p.423).

Talvez por ser exceção, por comportar-se diferente das outras mulheres, tenha também chamado atenção, conquistado prestígio e admiração por parte de uns, mas também antipatia e aversão por parte de outros. As atitudes de Jacobina foram contraditoriamente interpretadas e amplificadas dependendo da posição de quem as via. É possível que, para os Mucker, as manifestações doentias tenham sido vistas como atos sobrenaturais, as leituras e interpretações da Bíblia como profecias. Para os críticos e opositores, foram reservadas uma série de adjetivos pejorativos e insinuações às vezes pouco fidedignas. Nesta mesma linha, tentando atingir a competência materna da personagem, espalhou-se a ideia de que Jacobina tivesse matado sua filha mais nova quando estava no esconderijo na mata (SCHUPP, 2003, p.292). Este fato é confirmado por Carlos Luppa, o delator do esconderijo, e por isso também de pouca confiabilidade, aliando-se ao conjunto de acusações depreciativas à personagem. Petry lembra que ninguém poderia comprovar este fato já que, do esconderijo, todos saíram mortos (1966, p.12-13). Na pena do padre jesuíta, no entanto, o fato toma ares de testemunho e passa a contar como prova da má índole de Jacobina.

Os diversos escritos sobre Jacobina, muitos deles construídos sobre "o que se ouviu falar", referem-se a esta como mulher fora do padrão esperado. Nesta linha, ela falha como dona-de-casa, como companheira, como esposa, como mãe e, além disso, imiscui-se em terreno pouco propício a uma mulher naqueles tempos, seja como religiosa ou como líder de grupo.

**Jacobina e a religião**

Segundo Schupp, (2003, p.40), Jacobina era uma religiosa fervorosa, tinha na Bíblia seu livro predileto, o qual lia com alguma dificuldade e gravava algumas passagens. Seu profundo pendor religioso beirava ao misticismo, o que explicaria suas interpretações fantásticas dos escritos. Esta religiosidade teria sido herdada da família, de tradição pietista, o que é afirmado por diversos autores. O pietismo foi um fenômeno, desenvolvido na Alemanha do século XVIII, de renovação das Igrejas Luteranas e Reformadas que, entre outras coisas, propunha uma reestruturação eclesiástica baseada em pequenos grupos e enfatizava a fé/piedade individual, o elemento subjetivo da fé, opondo-se à institucionalização (DICKIE, 1996, p.267).

A manifestação da religiosidade de Jacobina e de seu grupo foi, no entanto, um misto de herança familiar, religiosidade colona (nos termos de Biehl) e saída messiânica.

Apesar de não ter chegado a conhecer seu avô — Libório Mentz — é possível que Jacobina tenha ouvido falar dos motivos que levaram a família à solução da imigração. O avô, quando na Europa, pertencia a um grupo luterano pietista em Tambach, que defendia a "antiga doutrina" e acusava a Igreja oficial de desviar-se das pregações e ensinamentos da Bíblia na medida em que se aproximava da Ilustração e introduzia o racionalismo na religião luterana. Em minoria em suas crenças e convicções, o grupo foi oprimido pela instituição, provocando a dissidência e a construção, em 1789, de uma comunidade à parte. As famílias dissidentes buscaram desenvolver sua religiosidade independente. Assim, não permitiam que seus filhos frequentassem escolas, realizavam eles mesmos os ofícios religiosos — como batismos, casamentos e enterros —

e construíram um cemitério à parte, conhecido como "Cemitério dos Separatistas" (AMADO, 2002, 142-143). O destino dos separatistas foi a emigração para outro território, dentro da Alemanha, em 1799. Vinte e cinco anos mais tarde, Libório partia da Alemanha para o Brasil.

Libório Mentz pode ser encontrado já nas primeiras levas de imigrantes alemães para o Brasil. As exatas razões que levaram a família a esta solução são desconhecidas, podendo, contudo, estar relacionadas à dissidência religiosa. Libório desembarca num país católico, sem nem o mínimo de atendimento ou garantias para os que professavam a religião protestante. Como outros em sua condição, Libório e sua família, já acostumados a manifestar em pequeno grupo suas convicções religiosas, passam a desenvolver uma religiosidade peculiar, independente das orientações oficiais da Igreja da Alemanha. As pequenas comunidades evangélicas criadas na colônia, agrupadas segundo um critério geográfico, de proximidade entre seus membros, mantiveram total independência entre si, elaborando estatutos próprios e funcionando com autonomia. Caracterizava também estas comunidades a livre leitura e interpretação da Bíblia. A isso foram adicionadas crenças populares locais — como a das curas através de benzeduras —, típicas do catolicismo popular, resultando numa prática de fé que estranhou aos imigrantes da segunda metade do século XIX, por um lado, e provocou a indignação dos sacerdotes católicos ou luteranos de formação acadêmica que começaram a chegar a partir de então.

Era também característica desta religiosidade a manifestação doméstica da fé. Dickie (1996, p.193) comenta a situação dos camponeses alemães do Palatinado que sofreram constantes revezes sobre suas convicções e práticas religiosas causados pelos jogos de poder e mudanças de príncipes e senhores territoriais. Assim, gerou-se uma incessante insegurança no seio do campesinato no que se referia a sua crença religiosa. Este sentimento acompanhou os imigrantes que vieram para o Brasil.

Ao internalizar as manifestações da religiosidade ao espaço doméstico, a religião passava também ao domínio das mulheres. Tanto as mulheres quanto as manifestações de fé sofreriam mutuas influências. Mesmo que a família, via de regra, seguisse a religião do homem, ficava na mão da mulher a transmissão dos valores, da cultura e do ensinamento religioso aos filhos (DICKIE, 1996, p.194-195). Uma vez que penetrada em espaço doméstico, a religião teria se tornado assunto de autoridade e responsabilidade femininas, sobre o qual tinha autonomia criativa. Não estranhava, então, aos colonos de tradição protestante, a interferência da mulher nos assuntos religiosos. Da mesma forma, não parecia estranho ao público que freqüentava a casa do curandeiro Maurer ouvir da boca de Jacobina pregações bíblicas, orientações e interpretações dos textos sagrados.

Assim, o contexto de formação da religiosidade de Jacobina pode ser resumido por tradição pietista — interiorização da vida religiosa, piedade pessoal, ênfase na fé subjetiva —, livre interpretação das Escrituras, curandeirismo, tendência à independência institucional, culto doméstico e forte participação da mulher nos assuntos religiosos. A este contexto peculiar somam-se as condições sociais estruturadas nos anos que antecederam e as escolhas pontuais feitas pela personagem no decorrer de sua trajetória.

* * *

Cedo Jacobina perdeu seu pai. Mas a cultura religiosa da família já estava estabelecida, e o hábito de leitura da Bíblia — mesmo que com dificuldade — acompanhado de momentos de oração eram freqüentes naquela família. O hábito e a fé não foram abandonados por Jacobina na idade adulta. Foram sim exacerbados a partir de condições que o contexto impulsionou. Além da tendência à prática autônoma da religiosidade, proveniente de sua história familiar, Jacobina entra na regra de todas as outras comunidades protestantes das colônias alemãs, que, carentes de pastores de formação acadêmica, buscavam suprir suas necessidades religiosas de forma independente, escolhendo entre os próprios integrantes do grupo um que servisse de liderança religiosa.

Assim, já era de praxe, nos anos de 1860, a prática do culto doméstico e da interpretação dos escritos bíblicos pelos próprios fiéis. A partir deste momento, no entanto, os colonos foram confrontados com pastores ordenados, oriundos da Alemanha, que vinham afirmar a "verdadeira" e "correta" manifestação da fé.

O caso de Jacobina encaixa-se neste contexto, de conflito entre a fé e as práticas colonas e a institucionalização das Igrejas (católica e evangélica luterana) através de seus sacerdotes. Num momento de conflito, as convicções de cada parte tendem a se acentuar. No caso de Jacobina e dos Mucker, além do descrédito dado às suas práticas e fé, condições sociais adversas também vieram a contribuir na radicalização de suas ideias.

A população que habitava as redondezas do Ferrabraz sofria os efeitos da crescente diferenciação social na região colonial; da dominação dos comerciantes como atravessadores no escoamento da produção; dos problemas de demarcações mal-feitas das terras; das formalidades para obtenção dos títulos de propriedade; e das delimitações desencontradas que causavam conflito (AMADO, 2002, p.35-37). Os colonos empobrecidos perdiam o controle sobre a terra e o que dela provinha.

Assim, aliaram-se as condições sociais vividas pela população, os hábitos e práticas tradicionais da religião e o conflito entre religiosidade colona e Igreja institucional, resultando na constituição de uma comunidade à parte e de um movimento que, de sócio-religioso, foi tomando traços de movimento messiânico.

Ao lado das condições oferecidas pelo contexto para o surgimento de Jacobina como líder do movimento Mucker, suas ações e escolhas também interferiram na condução de sua trajetória. Dessa forma, considero que sua postura frente às condições existentes permitiu que alcançasse tal posição de liderança. No que tange à religião, a prática de leitura e interpretação da Bíblia aos doentes que vinham buscar a cura com as ervas de Maurer permitiu a Jacobina que fosse conhecida e ouvida. A escolha das passagens adequadas à situação vivida por aquelas pessoas — com a provável intenção, inicialmente, de confortá-los — dava-lhe prestígio. Nesta linha — de propiciar conforto e, ao mesmo tempo, criar cumplicidade — Jacobina utilizava-se frequentemente das palavras do livro de Mateus, capítulo 5: "Bem-aventurados os que têm um coração pobre, porque deles é o reino dos céus...". Numa posição mais agressiva e pendendo ao messianismo, a personagem lia também passagens que soavam como profecias. É o caso de Lucas, capítulo 21, versículo 25: "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra, a

aflição e a angústia apoderar-se-ão das nações pelo bramido do mar". Aliando o texto bíblico à realidade vivida no momento, Jacobina transformava o texto dos evangelhos em prenúncios de futuro próximo.

A regularidade das ações também contribuiu para a afirmação da liderança. Assim, a partir de 1872, as reuniões de oração e leitura bíblica não ocorriam mais ao acaso, mas eram organizadas, marcadas e ritualizadas. Queiroz (1976, p. 245), baseando-se em Schupp e Petry, demarca o dia 19 de maio de 1872 — dia de Pentecostes — como momento em que o que ocorria no Ferrabraz passa a ser considerado uma seita. Parece ser aí também que as palavras de Jacobina começam a soar aos que as ouviam como profecias. A força das palavras lhe dava prestígio; se acompanhadas por realizações, mesmo que por coincidência, reforçavam a aura mística de Jacobina.

Como já era prática entre os colonos a escolha de um pastor para o ofício dos casamentos e batismos, na falta de representante oficial da Igreja, também Jacobina passa a presidir estas práticas em sua pequena comunidade de fiéis. No caso em questão, não era a falta de pastores com formação que impulsionaram este comportamento, mas a rebeldia em relação à Igreja oficial e aos pastores que punham oposição aos Mucker. A Igreja institucionalizada não servia mais ao grupo; o que era pregado a eles não os confortava; suas regras não lhe convinham. Da mesma forma, os adeptos acreditavam que era agora Jacobina que melhor interpretava o que dizia a Bíblia. Essa crença aumentava seu prestígio e seu poder frente a seus fiéis.

Muito difundida foi a afirmação de que Jacobina tenha se autodenominado "Cristo". Não apenas escritos posteriores, que se preocuparam em relatar de forma histórica o evento, mas também discursos mais imediatos se ocuparam desta questão. Jornais da época, como o *Deutsche Zeitung*, noticiaram o ocorrido de forma crítica, baseando-se no relato de pessoa não identificada que, supostamente, esteve presente ao anúncio de Jacobina (*Deutsche Zeitung*, 21 mai. 1873). A constante referência do jornal à "Senhora Cristo" (*Frau Christussin*), mesmo que em forma de crítica ou sem comprovação fidedigna, permitiram a Jacobina angariar adeptos, de um lado, e desafetos, de outro. A pretensa difamação, centrada na heresia, contribuiu para acentuar a imagem de Jacobina como liderança. Ao escrever sua obra, anos mais tarde, Schupp vale-se desta informação como fato (e conseqüentemente, verdade) e multiplica esta imagem em sucessivas reedições. Carolina Mentz, irmã de Jacobina, ao ser entrevistada nos anos 20, nega que Jacobina tenha se apresentado como Cristo, ou que tivesse assim sido considerada pelos seus adeptos (PETRY, 1966, p.167). Um pouco adiante em seu depoimento, no entanto, acaba por se contradizer: "embora não afirmasse ser Cristo, contudo era considerada como tal pelos otários, que esperavam que ela no dia da Ascensão de Cristo também subisse ao céu" (PETRY, 1966, p.168). Segundo Dickie (1996, p.364), "nem Jacobina, nem seus seguidores informaram, no Inquérito, que ela era a reencarnação de Cristo, contradizendo assim uma acusação dos colonos e de Koseritz".

Portanto, tenha Jacobina se autodenominado ou não de "Cristo"; tenha ela escolhido ou não apóstolos, a notícia correu rapidamente e pode ter contribuído tanto para o crescimento de sua liderança como para a oposição a sua pessoa. Aqui se confundem ou combinam-se os efeitos das ações e do dito na composição do resultado.

As manifestações doentias de Jacobina reforçavam ainda mais as ideias de que tivesse alguma força sobrenatural ou que realmente fosse inspirada por Deus. Integradas ao ritual de culto, davam à personagem um destaque que, muitas vezes, poderia ultrapassar a compreensão dos assistentes. Fosse qual fosse sua doença, a incompreensão de suas manifestações provocava como resposta a crença no sobrenatural. A imagem de inspiração divina de Jacobina acentuava assim sua posição de liderança. Através dela, Deus se manifestava diretamente aos adeptos — sem a intermediação de padres ou pastores. Aos olhos da imprensa e das autoridades, no entanto, esta liderança demorou a ser reconhecida: Maurer era o chefe da seita.

**A liderança**

O episódio dos Mucker, chamado também de revolta, foi identificado, enfim, como um movimento. Alguns autores o caracterizam como messiânico, outros, como sócio-religioso. Como movimento, permitiu o surgimento de lideranças: a maior ou ao menos a mais marcante foi Jacobina. Nas análises e relatos que foram produzidos sobre o assunto, a figura de Jacobina ocupa lugar central no que tange à liderança do grupo. No entanto, nem todos a vêem da mesma forma, com o mesmo poder, ocupando a mesma posição o tempo todo. Se Jacobina foi a líder do movimento Mucker, pela análise do que já foi produzido sobre o tema, podemos concluir que não o foi desde o início, dividindo esta posição com Maurer, ou ainda com outros membros do grupo, dependendo do ponto de vista do analista.

Apesar de, numa primeira aproximação ao tema, se reconhecer de imediato a liderança de Jacobina, a comunidade que se formou ao redor dela iniciou-se com as práticas curativas de Maurer e assim também seu nome e prestígio foram sendo construídos. Pode-se encontrar a preponderância do nome dele, por exemplo, nas notícias da imprensa da época (*Deutsche Zeitung* e *Der Bote*, entre outros) ainda em 1873. No *Deutsche Zeitung* de 13 de agosto daquele ano, é reproduzida uma matéria publicada no jornal católico — *Deutsches Volksblatt* — que critica João Jorge por tentar registrar-se como pastor já que tinha sido eleito para tal ofício por seus adeptos. O periódico jesuíta não entende a legitimidade desta escolha e justifica sua posição defendendo a eleição de pastores leigos para o caso de falta de assistência desde que para "religiões reconhecidas como tais, mas não para cada nova seita que quer se constituir" (*Deutsche Zeitung*, 13 ago. 1873). Maurer era visto, assim, como líder religioso. Esta era também a visão das autoridades militares, segundo se pode depreender da documentação do Arquivo Nacional referente à "Questão Maurer". João Jorge é o "cabeça" do movimento, o que ordena e pratica as atrocidades, o que resiste e transgride às leis; os adeptos são dele e não de Jacobina.

Já Jacobina, por muito tempo, foi vista apenas como um instrumento nas mãos de Maurer. A imprensa demorou a reconhecê-la como liderança; quando lembrada, vinham à tona seus dotes espirituais, sendo identificada — ironicamente — como a senhora Cristo (*Frau Christussin*). Era Maurer que fundava a nova religião, que escolhia apóstolos, que interpretava a Bíblia, que aconselhava a evasão das Igrejas, que proibia a

seus adeptos a dança ou o jogo. Jacobina era "a mulher do profeta" (*Deutsche Zeitung*, 17 mai. 1873).

Na estrutura interna à comunidade colonial, a principal posição era ocupada pelo homem, que devia ser respeitado e ter suas ordens acatadas. No entanto, a mulher gozava de certos direitos, que a colocavam, por exemplo, numa situação muito superior à da mulher gaúcha da época. Assim, era possível imaginar-se a ascendência de uma mulher como liderança nesta sociedade. Havia, contudo, resistência a esta ideia, sobretudo no meio urbano.

A observação de outras passagens do mesmo jornal anteriormente indicado mostra que os analistas não estavam bem certos de que Maurer liderava sozinho. O *Deutsche Zeitung* referiu-se, por exemplo, em 10 de maio de 1873, aos "adeptos dele e dela"; em 28 do mesmo mês, ao "par de profetas"; em 27 de setembro do mesmo ano, ao "profeta e a profetisa"; em 15 de novembro de 1873, aos "adeptos do casal Maurer". Certo é que, no que se refere à imprensa diária, que observa os fatos no decorrer do processo, a figura de Jacobina sempre esteve relacionada a Maurer, raras vezes sendo mencionada separadamente. Ela acaba recebendo destaque quando é construída a primeira narrativa retrospectiva de toda a tragédia Mucker. Só aí é que a liderança de Jacobina aparece, desta vez como forma de depreciar suas ações.

É importante lembrar ainda que, como constatou Amado (2002), havia uma liderança intermediária, extremamente dedicada ao grupo, fiel a Maurer e Jacobina e respeitada pelos outros adeptos. Trata-se de Rodolfo Sehn, Cristiano Cassel e Henrique Weber. Já a posição de João Jorge Klein, o cunhado de Jacobina, é bastante controvertida, ora fazendo parte como líder importante ou mentor intelectual, ora na oposição ao grupo. A primeira versão é endossada, pela população e autoridades locais, pelo padre Schupp e pela memória popular, também ainda pelos escritos de Koseritz. Recebendo a pecha de "intrigueiro", Klein é considerado um "colono intelectual".[8] Segundo Amado (2002, p.147), os documentos revelam visão contrária: "Klein nunca foi um mucker autêntico; jamais acreditou nas pregações de Jacobina". Mesmo assim, demorou a ser inocentado pela justiça. Foi preso em junho de 1874 como mandante do crime contra a família e a propriedade de Martin Cassel e demais incêndios e mortes ocorridas durante a revolta. Foi condenado em 1º de março de 1876 e sentenciado à pena máxima: 23 anos de prisão. Depois de diversas tentativas de revisão da condenação, Klein foi julgado e absolvido em 1880 (DICKIE, 1996, p.504-505).

Embora se possa enxergar a divisão ou distribuição de poder e liderança no grupo Mucker — com lideranças principais e intermediárias —, a preponderância de Jacobina sobre os demais é construída gradativamente. Para Schupp, isso é explicável a partir do caráter de Maurer e Jacobina, desenhando-os como "o fraco" e "a desajustada". Assim, "não tardou muito" para que Jacobina começasse "a representar o papel mais importante":

[8] Sua formação como professor e a experiência como pastor concediam a Klein um status de pessoa de cultura acima da média naquela sociedade.

Schupp não só busca mostrar o crescimento da liderança e fama de Jacobina, mas também aproveita todas as oportunidades que encontra para difamar o casal, denunciar o charlatanismo e a demência de Jacobina. As razões que o autor comenta são um tanto discutíveis; inegável parece, no entanto, o fato de que a figura de Jacobina se sobressaía com o passar do tempo. Segundo Amado (2002, p.144-145), as crises de Jacobina impressionavam sobremaneira os colonos, que, com isso, tinham nela a mais alta admiração e lealdade. Para esta autora, os adeptos realmente acreditavam nos dotes de Jacobina de intermediação com o espírito divino, provindo daí sua autoridade e força como líder: "era um verdadeiro ídolo para muitos colonos". Desta crença e sentimento provinha, por sua vez, a obediência dos adeptos. A formulação de carisma e liderança, de um lado, e devoção e obediência, de outro, deram força às ações do grupo.

Sintoma do novo posicionamento de Jacobina nos últimos tempos são as ordens recebidas por alguns adeptos emitidas pela líder feminina. Nos depoimentos de Luppa e Scheffel, ordens como o abandono das escolas e comunidades religiosas oficiais, são atribuídas a ela. O mesmo acontece com as ordenações de assassinato ou incêndio de casas vizinhas.

Na tentativa de visualizar a construção gradativa da posição de Jacobina como liderança, valho-me da cronologia elaborada na análise de Amado (2002).

As curas de Maurer se iniciaram em 1868, quando apenas os familiares e vizinhos mais próximos se valem desta solução para seus males. Neste período, até 1871, Jacobina é a companheira que auxilia o marido a curar as pessoas de dentro do círculo familiar, contribuindo com o consolo pela palavra bíblica. A partir de 1871, a personagem passa a realizar profecias e pregações com mais afinco. Entre 1871 e 1873, Jacobina e João Jorge são igualmente importantes, sendo que a figura dela estava melhor identificada com a revelação divina. A influência de Maurer neste período era ainda muito significativa: ele era o homem escolhido por Deus para curar doentes, o organizador das reuniões.

A figura de Jacobina começa a se sobressair à de João Jorge a partir do retorno dos dois de Porto Alegre (ele da prisão, ela da Santa Casa). Neste momento, Jacobina passa a ser "realmente identificada com a revelação divina, e este aspecto passou a contar cada vez mais. O que Jacobina ordenava, cumpria-se imediatamente" (AMADO, 2002, p.229). O declínio de João Jorge acontece ao mesmo tempo em que se iniciam as brigas entre o casal, que parecia discordar dos caminhos para os quais se encaminhava a trajetória do grupo. Para Amado, João Jorge não estava mais seguro dos caminhos que estavam sendo tomados. Por esta insegurança, acabou escanteado por Jacobina e por seus adeptos (AMADO, 2002, p.230).

Mesmo assim, Maurer parece ter mantido certa influência sobre o grupo: continuava a ser o organizador das reuniões; era o principal alvo de ataque da população que se opunha aos Mucker; foi o mensageiro das reivindicações levadas ao Imperador. Por essa importância também foi preso duas vezes. A ausência de Maurer por vários meses, quando em viagem ao Rio de Janeiro, contribuiu para que perdesse o prestígio e força perante os adeptos. Em 1874, Jacobina começa a liderar praticamente sozinha (AMADO, 2002, p.263).

Assim, desde 1873 até o fim dos acontecimentos, a figura de Jacobina foi central para a condução do movimento. Dela partiam as ordens, a ela se dedicava obediência, nela se cria encontrar-se a verdade. As ações mais extremas do grupo foram dirigidas por ela, que terminou seus dias como a principal liderança do movimento Mucker. A reprodução de sua história se encarregou de frisar — em geral, de forma depreciativa — esta sua condição, amplificando aspectos de sua trajetória que permitiram que a atuação desta mulher constituísse um mito.

**Considerações finais**

Procurar uma Jacobina "além do mito" significa, em primeiro lugar, traçar as características da personagem que o mito criou e, em segundo, mostrar as outras faces deste indivíduo que a história e as fontes permitem vislumbrar. Neste sentido, a trajetória biográfica de Jacobina é o resultado de um conjunto de carências — de atendimento médico às famílias imigrantes; de consolo religioso aos protestantes das colônias; de fontes objetivas para a análise — e de excessos — de interpretação bíblica por parte da personagem; de interpretação política das autoridades; de interpretação histórica engajada; de reconstrução da memória. Desconstruindo o mito, identificando os discursos, é possível desfazer antigas certezas e desmascarar interesses. Mas, de forma objetiva, acabamos atingindo sempre e apenas uma aproximação desse contraditório personagem.

**Bibliografia**

AMADO, J. *A revolta dos Mucker*. 2ª ed. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

BECKER, Klaus. O episódio dos Mucker. In: BECKER, Klaus. (org.) *Enciclopédia rio-grandense*. Canoas: Ed. Regional, 1956.

BIEHL, J. G. *Jammerthal, o vale da lamentação: crítica à construção do messianismo Mucker*. Dissertação (mestrado em Filosofia), Universidade Federal de Santa Maria, 1991.

CHARTIER, R. *A história cultural*: entre práticas e representações. Trad. por Maria Manuela Galhardo. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990, p.16. (Coleção Memória e Sociedade)

DEUTSCHE ZEITUNG, Porto Alegre, mai-ago, 1973.

DICKIE, M. A. S. *Afetos e circunstâncias*: um estudo sobre os Mucker e seu tempo. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, 1996.

DOMINGUES, M. *A nova face dos Mucker*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

DREHER, M. N. *Projeto de Pesquisa* "A religião de Jacobina", Unisinos, 2004.

DREHER, Martin N. **A** *Igreja latino-amaricana no contexto mundial*. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1999. (História da Igreja, v. 4)

DREHER, Martin N. A religião de Jacobina Mentz Maurer. *História UNISINOS*, v.11, n.1 (jan./abr. 2007), p.105-110.

DREHER, Martin N. (ed.) *Peregrinação***:** estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60° aniversário. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 1990. p.102-112.

FAGUNDES, Antonio Augusto. *As santas prostitutas*: um estudo da devoção popular no RS. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

GALVÃO, Antônio Mesquita; ROCHA, Vilma Guerra da. *Mucker*: fanáticos ou vítimas? Porto Alegre: EST, 1996.

GEVEHR, D. L. *Fanáticos, violentos e ferozes liderados por Jacobina endiabrada*: as representações anti-mucker em "O Ferrabraz" (1949-1960). Dissertação (mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

HUNSCHE, Carlos Henrique. Dez novas fontes, desconhecidas e inéditas, sobre o episódio dos Mucker no Rio Grande do Sul. In: *Anais do 1º Simpósio de Imigração Alemã no Rio Grande do Sul***.** São Leopoldo, 1974.

KUNZ, M. *Mosaico discursivo*: Jacobina Maurer nos textos históricos, literários e fílmicos. Tese (Doutorado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2005.

LEVI, G. Sobre a micro-história. In: BURKE, P. *A escrita da História*: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.133-161.

MUXFELDT, Hugo. *Os Muckers*: cem anos depois. Porto Alegre: Globo, 1983.

PETRY, L. *O episódio do Ferrabraz*: os Mucker. 2 ed., São Leopoldo: Rotermund, 1966.

POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.3-15.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (org.) *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 103-130.

QUEIROZ, M. I. P. de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Ed.Dominus, 1965.

REVEL, J. Microanálise e a construção do social. In: REVEL, J. (org.) Jogos de Escalas: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998. p.15-38.

SANMARTIN, Olyntho. O capitão Dantas e o episódio dos Muckers. In: *Anais do I Congresso de História e Geografia de S. Leopoldo*, 1947. p.63-94.

SANT'ANA, E. *Jacobina Maurer*. 3ª ed. Porto Alegre: Tchê, 1983.

SANT'ANA, Elma. *Jacobina Maurer*. Porto Alegre: Tarca, 2 (12): 14-23, mar. 1986.

SCHUPP, A. *Os Mucker*: episódio histórico da vida contemporânea nas colônias alemãs do Rio Grande do Sul. 3ª ed., Porto Alegre: Selbach, s.d.

SILVA, N. S. *A compreensão jesuítica da identidade (étnica) teuto-brasileira católica rural no Rio Grande do Sul: instrumento (de poder) do Projeto de Restauração Católica Regional (1872-1961 – Rio Grande do Sul)*. São Leopoldo, 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).